

O poeta não é poético
FLU, out. 1978

UM POETA

RUBEM BRAGA

UMA velha amiga me disse ter conhecido um poeta, que é meu amigo; e sofreu uma decepção. E eu lhe digo: Você não achou o poeta poético; e até se queixa de que, no tempo em que esteve em sua mesa, não lhe ouviu uma palavra sobre poesia, mas, unicamente, ao sabor da conversa, comentários sobre sapatos de homem, desastres de automóvel e o selecionado brasileiro.

Futebol, quando você gostaria de conversar a respeito de Rimbaud — é, na verdade, um pouco decepcionante. Nunca falam os poetas de poesia? — me pergunta você. Bem, eles falam. Cada homem tem costume de falar de seu ofício, e o poeta é um homem como os outros. Mas acontece que, além de ser um homem como os outros, e sem deixar de sê-lo, ele tem isso de grave e especial, que é o ser um homem a quem tudo concerne, e de tudo tira seu mel e seu fel. Esse menino que passa com um barulhento carrinho feito de caixote, trazendo verduras da feira; aqueles operários da construção, que depois de almoçar no boteguim da esquina com uma cerveja preta ficam sentados na calçada, conversando à toa, à espera do sinal para o trabalho; e o próprio carrinho de caixote e a própria garrafa de cerveja preta, tudo é matéria do poeta. Nesse pedaço de papel, que se arrasta pelo chão, ele se inspira tão bem como no andar daquela moça que saiu às compras na manhã fria do bairro, com calças compridas e um suéter vermelho.

Pode acontecer que o suéter vermelho espere anos para entrar em um verso do poeta, ou não entre nunca. Se ele conheceu você, ele já a incorporou a seu patrimônio feito de tudo e de nada, e quando amanhã escrever «uma tarde castanha», poderá estar se lembrando de seus olhos, ou de seus cabelos, ou de sua voz serena.

Não o desame, por não ser poético; isso não é seu ofício: ele é poeta. Adeus.

Coteria-esportiva.

21-9-66

CM - 25.4.51

M - 95

~~DN - 21.9.66~~

DN 29.5.58

RN 43

161